

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## DELSON UCHÔA E A SÉRIE *BICHO DA SEDA* NO CIBERESPAÇO: O PINCEL E O *PIXEL* NA PAISAGEM NORDESTINA

Ana Beatriz Bezerra de Melo  
Doutoranda em História  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
E-mail: anabeatriz.melo89@gmail.com

### RESUMO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa, em desenvolvimento, e aborda a construção da narrativa do artista alagoano Delson Uchôa através das imagens. Destacamos aqui a série *Bicho da Seda*, com suas produções a partir dos anos 2000, quando ele utilizou os produtos conhecidos como sombrinhas para compor objetos tridimensionais e trabalhar com suas cores e padronagens na paisagem seca da caatinga alagoana. O artista recebeu maior notoriedade após a sua participação na renomada exposição *Como vai você, Geração 80?*, no Parque Lage (RJ) em 1984, momento em que as artes passavam por transformações em seu sistema, considerando a *internet* e os avanços tecnológicos. Nosso objetivo é discutir sobre o que caracterizou sua produção na ‘Geração 80’ e o que reverbera dessa expressão atualmente, visto que o artista compartilha no ciberespaço, através das redes sociais, a inserção das artes visuais na paisagem, como um processo de ressignificação desses espaços desde a década de 1980 quando trabalhou em concepções figurativas. Através dos estudos teóricos sobre a paisagem discutimos sobre as possíveis intencionalidades do artista quando insere os objetos no ambiente natural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paisagem, Arte Contemporânea, Ciberespaço.

### REFLEXÕES INICIAIS SOBRE DELSON UCHÔA E A PRESENÇA NO CIBERESPAÇO

Delson Uchôa é um artista visual alagoano e o momento que lhe concedeu maior notoriedade no sistema das artes nacionais foi a sua participação na exposição *Como vai você. Geração 80?* ocorrida em 1984, no Parque Lage, Rio de Janeiro com a curadoria de Marcus Lontra. Suas concepções, desde esse período, reverberam elementos da cultura regional em um híbrido composto pela percepção das cores, figuras míticas e composições abstratas com referências ao movimento Concreto e Neoconcreto na Arte Brasileira. Ao observarmos o cenário das artes, nesse momento de redemocratização política, encontramos movimentos entusiasmados em torno das novas possibilidades e visibilidades da produção artística, com a abertura de novas galerias e grandes

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

exposições que levavam até o público brasileiro a arte do seu país, momento raro em anos anteriores encobertos pela censura e tirania.

A problemática nesse estudo tem o ponto de partida nas primeiras produções do artista inseridas na paisagem alagoana. Nos questionamos sobre a intencionalidade da ação, afinal, é uma prática construída a partir dos anos 80 e que se reconfigura nos anos 2000 com o advento do ciberespaço. Consideramos a possibilidade do artista utilizar o ambiente alagoano e sua natureza para um diálogo sobre a percepção do espaço não como um ambiente paradisíaco, mas sim cultural com a existência de um homem e toda uma sociedade constituída de memória e história cultural. Nosso objetivo é apontar os vestígios da expressão artística que caracterizou sua produção na ‘Geração 80’ e o que reverbera na série *Bicho da Seda*, quando ele criou narrativas da arte no ambiente digital, para além dos lugares de legitimação.

Refletimos sobre a possibilidade de uma análise das imagens artísticas na paisagem alagoana a partir do procedimento metodológico concebido por Ginzburg (1989) para seguir as pistas encontradas no tempo histórico a partir das imagens entendidas como vestígios de expressões de um dado posicionamento político do artista. Acreditamos na relevância da reflexão por abordar a imagem na perspectiva paisagística e os embates culturais em um suporte propagado no espaço digital, nos instigando a pensar sobre o ato político presente nas escolhas do artista envolvendo três componentes em uma relação profunda e complexa: um local, um olhar e uma imagem, conforme Collot (2014) nos explica sobre a construção da paisagem, aplicadas aqui a partir da intervenção do artista no espaço como (re)apropriação de um ato regional.

Na primeira seção do artigo relatamos os objetivos do artista Delson Uchôa diante do cenário artístico da década de 1980, dentre eles, o desejo de produzir uma arte que contasse sobre as suas origens e pudesse apresentar o Brasil para o brasileiro depois de tantos anos consumindo as artes oriundas da Europa, devido à censura do governo militar. Boa parte das exposições consagradas nos anos anteriores eram de artistas visitantes. Ao brasileiro foi negado o conhecimento sobre as ações políticas e a opressão sofrida, principalmente, por grupos minoritários. O peso desses tempos são ainda percebidos na contemporaneidade. O artista dirigiu seu trabalho na época à pinturas

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

figurativas e representações culturais subjetivas com temas geométricos e ênfase dos estudos sobre a luminosidade e as cores na pintura.

Na segunda seção abordamos a série *Bicho da Seda* e o uso que o artista faz da paisagem alagoana. Delson Uchôa sempre expôs suas obras em ambientes praianos, próximos à sua casa-ateliê, devido as grandes dimensões obras e suas possíveis aplicabilidades naquele ambiente, pois são utilizados materiais resistentes como a resina de metacrilato. Destacamos tal série nesse estudo pelo uso de diferentes recursos para o desenvolvimento das artes: sombrinhas feitas de poliéster, destinadas primeiramente à proteção do indivíduo do sol ou da chuva e a câmera digital para captar a perspectiva paisagística. Com as sombrinhas foram criadas aquilo que o artista denominou como escultura-objeto, utilizada por ele para compor a paisagem, mas também, destinada a performances, ressaltando que o corpo é o componente mais significativo da arte popular.

Nossos estudos, até o presente momento, nos fazem refletir sobre a expressão artística de Uchôa como tendo o seu despontar a partir dos anos de 1980 quando as artes visuais receberam influências oriundas de diferentes regiões do mundo, não como um postulado para as concepções, mas sim a partir de um processo de apropriação das imagens no período moderno e isso engloba o desenvolvimento tecnológico e a circulação de conceitos oriundos das teorias e da hibridização cultural, segundo (CANONGIA, [s.d.]). O sistema das artes visuais no Brasil obteve, a partir desse momento, novas conexões no ciberespaço e possibilitou trânsitos e questionamentos quantos aos lugares de legitimação.

A paisagem é apontada nesse contexto como um lugar de memória e demarcação da individualidade compositiva da narrativa cultural em constante movimento. Diante disso, há uma relação espaço-tempo característico da sociedade e a tecnoestrutura a qual está inserida em torno de um grande mercado: a globalização, conforme pontua Lemos (2015) sobre o desenvolvimento da cultura no ciberespaço. Delson Uchôa, na série estudada, brinca com a flexibilidade do tempo e cria memórias por meio das imagens a serem transpostas nas paisagens e armazenadas por diferentes mídias. Essas conexões

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estabelecidas pelas redes sociais fomentam a democratização da arte e os diálogos sobre aquilo que se propõem as imagens.

As obras do artista compõem um desdobramento do seu trabalho a partir da expansão da paisagem como um lugar de memória e visibilidade desse artífice como alagoano e crítico sobre o lugar da arte oriunda do nordeste mediante aos grandes centros nacionais onde há de fato, uma efervescência por meio de circuitos, bienais e grandes mostras. O *Bicho da Seda* se propõe a transitar por vários espaços e se adaptar a diferentes linguagens, para deglutir outras culturas, se posicionar mediante aos mecanismos de reprodução capitalista e reivindicar o seu protagonismo como atuante na difusão da cultural alagoana e brasileira através das imagens e da memória cultural que as constituem.

### COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?: DELSON UCHÔA DO BRASIL PARA O BRASIL

A exposição *Como vai você, Geração 80?* foi um marco na produção artística brasileira da década pela sua expressividade, cuja pintura esteve em evidência principalmente através da crítica jornalística e também, por ter sido uma proposta diferente daquelas apresentadas até o momento no espaço da Escola de Artes Visuais no Parque Lage, com toda a estrutura arquitetônica utilizada como suporte pelos artistas. Delson Uchôa explorou esse espaço pintando a obra *A festa no céu* (Ver figura 1), no teto do edifício do Parque Lage, conforme (BRAGA, 2015). A obra inspirada na lenda brasileira foi interpretada como uma homenagem à História da Arte e às peculiaridades do Brasil e o tropicalismo latino-americano, abaixo uma reprodução em tela.

Figura 1 – *A festa no céu* (1984)



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: Imagem cedida pelo artista.

Contando ao todo com 123 artistas, o evento foi documentado além dos materiais escritos, por uma produção audiovisual, com entrevistas e apresentações de dança e música no dia da sua abertura, segundo o arquivo presente no acervo da escola. Em Balga (1984) podemos notar o uso das mídias nas artes a partir de instalações com aparelhos televisivos e no entendimento do espaço como uma mídia destinada a transmitir informações e memórias através das imagens como nas pinturas nos muros da instituição, atitude capaz de trazer à tona novamente questionamentos sobre a institucionalização dos espaços de arte e a quem se dirige. Acreditamos ser essa uma herança dos anos anteriores, no processo de construção de uma arte política/ativista brasileira e a conscientização do valor e do poder simbólico da arte, assim

Mais do que discutir obras, o que se procurou enfatizar aqui foi como obras podem ser canais para discursos, sejam eles provenientes do artista, do crítico, de um contexto histórico. Por isso é fundamental o entendimento de que em si a crítica de arte não pretende tanto defender ou condenar certas obras, mas sim valorizar ou desqualificar certos entendimentos do que seja e para que sirva a arte (sua função) (REINALDIM, 2012, p. 191).

Os artistas foram muitas vezes interpretados pela crítica jornalística no período como jovens “que querem viver, acontecer, sonhar”, como apontou o crítico de arte Frederico Morais (CANONGIA, [s.d.], p. 38), concebendo um tom de ingenuidade aos artistas. Entretanto, através das imagens é possível percebermos os ideais políticos e sociais presentes em cada camada compositiva, que reverberam até os dias atuais levando em consideração nesse estudo as obras do artista Delson Uchôa, deixando de lado o discurso localizado na superfície, sobre questões formais e estilísticas e o discurso focado no retorno da pintura, como se devido ao fim da ditadura militar brasileira a arte deixasse de lado as questões sociais e seu engajamento, afinal, os atentados contra a democracia estavam acabados nos documentos oficiais, mas a realidade sempre foi de luta e resistência por parte do sistema das artes.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Em entrevista para pesquisas anteriores<sup>1</sup>, o artista comentou sobre o seu maior desejo nos anos de 1980: apresentar o Brasil para o brasileiro. E de fato, ao investigar em alguns jornais da época como, por exemplo, o Jornal do Brasil (RJ), notamos a predominância da divulgação de exposições no país com obras de arte oriundas do exterior. Bulhões (2020) nos fornece reflexões sobre os novos sistemas das artes a partir desse recorte temporal com a disseminação da internet e os demais avanços tecnológicos, entendendo o sistema de arte como uma complexa atuação entre os indivíduos e as instituições em uma rede de inter-relações capazes de definir os padrões e os limites da arte na sociedade em determinados contextos. Uchôa possui na sua trajetória essa transitoriedade por espaços que ampliam a participação do social na arte.

Observando os antecedentes dessa geração, por meio da exposição *AI-5 50 anos: Ainda não acabou de acabar*, realizada no Instituto Tomie Ohtake e organizada por Paulo Miyada que em seu catálogo expõe elementos e referências sobre os 50 anos após o regime militar, temos em um dos arquivos, datado de 2018 com o pesquisador Fernando Oliva, um depoimento sobre a censura ocorrida no ano de 1968 na Bienal da Bahia, período de busca da autonomia artística na região do nordeste. Reflexos como esse e tantos outros elementos provenientes da repressão ecoam em diferentes sentidos e intensidades ao longo dos tempos (INSTITUTO TOMIE OHTAKE, 2019).

Estamos então, diante de um vestígio de tempos passados correspondente a uma memória latente através das imagens, conforme estudos em (DIDI-HUBERMAN, 2013). A produção do artista em estudo teve nos anos oitenta uma preocupação em unir as referências da cultura popular brasileira à cultura europeia em resposta as ideias que caracterizavam a cultura nordestina na época: como produções exóticas. Como se tais produções artísticas não fizessem parte da identidade cultural nacional. Um fator predominante nessa trajetória de Uchôa é a inserção da arte em diferentes espaços e suportes capazes de entrar em contato com o público independente da sua presença em ambientes institucionalizados.

---

<sup>1</sup> Corresponde a escrita do trabalho dissertativo na pós-graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (MELO, 2016).

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A presença do artista no ciberespaço coloca a arte mais próxima das pessoas e democratiza a experiência, enquanto a expressividade de cunho político libera lugar para novas vozes na comunicação em rede, por meio das interações e conexões entre críticos de arte, pesquisadores e público em geral. Na série *Bicho da Seda*, Delson Uchôa entrega à paisagem alagoana pigmentos e composições para projetar luminosidade ao ambiente seco e monocromático do sertão, modificando assim o espaço. Nela o artista criou diferentes produtos artísticos as esculturas-objetos, performance, vídeo-arte e a fotografia, apresentada na próxima seção deste artigo.

Ao se deslocar por essa paisagem e expor no ciberespaço, como um bicho mutável, ele se adapta e se move constantemente criando novos laços em um ambiente heterotópico, termo oriundo da linguagem foucaultiana utilizada por Parente (2010) para designar ambientes com diferentes camadas de significação ou de relações com outros lugares. O híbrido proporcionado pela junção de composições artísticas distintas formam paisagens interessantes e nos coloca frente a acontecimentos multitemporais, sem o deslocamento do corpo físico. Através da intervenção artística percebemos na paisagem elementos para além da seca e infertilidade do solo. Observamos a luz, os reflexos e a flora transmutada por objetos oriundos da reprodutibilidade técnica. O artista delimita nosso olhar criando essa perspectiva da natureza ao mesmo tempo que desperta a nossa atenção para um indivíduo atuante naquele espaço, representante de uma cultura que não se válida apenas por belezas naturais presente nos espaços da cidade, mas é atuante de modo global, constituinte da problemática globalização. É um bicho mutável, adaptável e transita por todo o mundo.

### **O BICHO DA SEDA E A PAISAGEM ALAGOANA: MEMÓRIAS NO CIBERESPAÇO**

As artes visuais fazem parte dos elementos culturais da sociedade e na perspectiva da História correspondem a registros e fontes históricas capazes de evocar uma memória expandida na paisagem em transformação, conforme (CANTON, 2009). Nas obras do artista em estudo, temos uma resistência à velocidade dos tempos atuais através de uma temporalidade perene, pois o *Bicho da Seda* é permanente quando as

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

imagens se desdobram em espaços múltiplos. Temos, portanto, um dos estigmas do artista contemporâneo: o anacronismo das imagens.

Em Alagoas, Delson Uchôa utilizou as esculturas-objetos e as sombrinhas na série *Bicho da Seda* como pigmentos na paisagem do sertão. Esse fazer artístico contém símbolos culturais e representam aquilo que lhe é familiar, característica constante nas obras de artes contemporâneas. Em entrevista ao vivo para o perfil da Galeria Amparo Sessenta<sup>2</sup> localizada em Recife, o artista falou que a inspiração para essas obras surgiu ao observar o reflexo do sol no tecido de poliéster das sombrinhas e visualizar nas suas padronagens, semelhanças com a flora do sertão. Então, decidiu levar essa luz para o sertão, onde o sol era mais forte e captava as imagens na câmera digital. Ele realizou a pintura digital e a pintura objeto além das performances, pois considera que uma arte popular é uma arte do corpo. E assim, com um ateliê itinerante modificou parte da natureza para propor uma perspectiva da paisagem e transitando pelo sertão.

Segundo Roger (2013), a percepção da paisagem pode ser classificada em *In Visu*, com a pintura representada em sua forma ideal e a paisagem em si em *In Situ*, quando há uma transformação artificial da paisagem, sendo essa vista possível somente à distância, através do mecanismo da perspectiva e captada por um plano. Delson Uchôa interfere nessa paisagem de modo *In Situ*, como se esses espaços fossem o seu jardim (Ver figuras 2 e 3). Temos desse modo uma proposta de expansão da pintura para além dos suportes modernos, mas também um discurso político globalizado sobre o impacto desses elementos no meio ambiente, oriundos de uma mão-de-obra de baixo custo e que foram instaladas próximas à água refletora, repetindo as imagens e padronagens tal qual o ritmo da indústria capitalista.

Figuras 2 e 3 – Imagens da série *Bicho da Seda* (2014)



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: Imagens cedidas pelo artista.

É característica nas suas obras a busca pela expressão da identidade cultural de modo subjetivo, com elementos visuais em grandes dimensões para garantir a pregnância das formas na paisagem. Uma vez que a visão é o sentido capaz de direcionar o ângulo da paisagem, mas são as relações culturais que influenciam as referências e as interpretações fornecidas pelo artista. Ao captar esses pigmentos na câmera digital ele as reproduzia na resina de metacrilato (Ver figura 4).

Delson Uchôa carrega um híbrido da sua história pessoal, mas também uma perspectiva simbólica da cultura alagoana. A forma como tece suas obras a partir dos elementos da memória e posicionamentos sociopolíticos que lhes são característicos desde os anos de 1980 fazem da sua construção um híbrido desterritorializado, bem como Didi-Huberman (2019) aponta sobre o lugar paradoxal que ocupam as artes visuais, facilmente colocada e realocada em todos os lugares e de valor infixável, por estar sempre em obras, em uma temporalidade infundável.

Figura 4 – Imagem da série Bicho da Seda (2014)



# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fonte: Imagens cedidas pelo artista.

As obras, portanto, revelam um artista sem território e a paisagem corresponde a um olhar condicionado e uma perspectiva cultural. Cosgrove (2002), diante dos seus estudos sobre geografia cultural, provoca a reflexão de que os processos sociais são convertidos em uma visão paisagística e portanto, tem a capacidade de manter ou ocultar uma superfície. Assim, a paisagem pode suscitar novas imagens para a mente imaginativa através da visão, pois esta implica em fenômenos não materiais conectados a memórias vividas e aprendidas através das relações sociais, além de transformar também a paisagem *In Situ* formada com a memória individual.

A expressão do artista reverbera em outra narrativa quando vista fora do espaço institucionalizado. O olhar se expande e a perspectiva é organizada de forma simbólica, reinventando o ambiente local, na escolha do enquadramento que fragmenta o visível, pois com o passar do tempo as relações com as paisagens se modificaram, sendo na contemporaneidade mais participativas, menos estáticas e observadoras. Mostrando-se como um campo repleto de significados e novas experiências criativas por meio dos artistas, afirma (BULHÕES, 2010).

Delson Uchôa trabalha com as diversas possibilidades da linguagem artística para propor interações e discussões sobre a identidade cultural presente no nordeste e se impõe como sujeito atuante nessa formação simbólica por meio das imagens. Com o *Bicho da Seda* o artista desnatura o ambiente, questiona as determinações da cultura de massa e suas formas de consumo. A fotografia registra esse processo e contribui para a catalogação sobre a narrativa constituída por essas passagens em solo nordestino, um fragmento do visível enquadrado se desconstruindo em diferente objetos de arte, processo impulsionado nos anos 80 e com desdobramentos no sistema das artes brasileiras até o presente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Delson Uchôa realiza a inserção de pigmentos na natureza e modifica o ambiente para a composição paisagística captada pela fotografia e elaborada por meio do pincel e do *pixel* quando insere pinturas e quando instala as pinturas-objeto na natureza, modificando a paisagem *In Situ*. Foram encontradas similaridades na narrativa do artista nos anos oitenta e nessa produção iniciada nos anos 2000, como o posicionamento político perante o estado da arte alagoana no meio nacional e o movimento do fazer artístico para ocupar espaços e entregar a arte para o povo, democratizando-a.

O uso das redes sociais potencializa o conhecimento dos elementos estéticos culturais e propõe novas conexões para as artes visuais. A arte possui a política em sua essência e os espaços culturais são ambientes de estudo e informação. A presença das manifestações artísticas no ciberespaço representam caminhos possíveis diante de um passado histórico que condenou a transparência dos fatos, as diferenças sociais e o direito a reivindicação dos direitos públicos. É uma memória do passado que se faz ainda presente, reverberando em discursos e representações.

Delson Uchôa nos apresenta, portanto, através da série *Bicho da Seda* e de todo o seu percurso no campo da arte, a presença do nordeste atuante em uma geração que se dissipou por todo o país com a proposta de reinventar a forma de contato com as artes e de integra-la as transformações do mundo globalizado. Buscamos nesse estudo apontar, de forma breve, os desdobramentos dessa produção, desse artífice que mantém a arte em movimento e desprende o nordeste de tantos estigmas sociais até hoje impregnados nas narrativas das gerações anteriores. O artista mantém os elementos da memória cultural no seu processo de artístico empregando o hibridismo das referências estéticas e apresentando nas paisagens a perspectiva daquilo que compõe o seu corpo, sua essência e a sua obra.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Paula. **Delson Uchôa: Belo em si**. São Paulo: Zipper Galeria, 2015.

BULHÕES, Maria Amélia. Poéticas da paisagem em territórios digitais. In: **Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2010. p. 281–298.

BULHÕES, Maria Amélia. O ciberespaço como lugar de produção artística. In: **Dat Journal**, v. 5, n. 3, p. 113–125, 2020. Disponível em: <http://datjournal.anhemi.br>  
Acesso em: 21. jan. 2021

CANONGIA, Ligia. (Org). **Anos 80: Embates de uma geração**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COMO VAI VOCÊ, Geração 80? BALGA, Jorge. Rio de Janeiro: Acervo Parque Lage, 1984. (20m11s). Disponível em:  
<<http://acervo.memorialage.com.br/xmlui/handle/123456789/12571>> Acesso em: 20. jan. 2021.

COLLOT, Michel. Poética e Filosofia da Paisagem. In: **Poética e Filosofia da Paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

COSGROVE, Denis. Observando la naturaleza: el paisaje y el sentido europeo de la vista. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 34, p. 63–89, 2002.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da Imagem**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobre o fio**. Santa Catarina: Cultura e Barbárie, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LEMO, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MELO, Ana Beatriz Bezerra de. **Os ecos da geração 80: A pintura contemporânea em Maceió**. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Catálogo de Exposição. AI-5 50 anos: ainda não terminou de acabar**. Catálogo. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2019.

PARENTE, André. Paisagens virtuais. In: BULHÕES, Maria Amélia; BASTOS, Maria Lúcia (Org.). **Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporâneas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

REINALDIM, Ivair Junior. **Arte e crítica de arte na década de 1980: vínculos possíveis entre o debate teórico internacional e os discursos críticos no Brasil**. Tese de Doutorado. (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ROGER, Alain. La doble artealización. In: **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2013. p. 15–35.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História**  
**Rio de Janeiro/RJ, 2021**